

SEÇÃO DE LIVROS
SEGUNDA PARTE

O ESPIÃO QUE MUDOU DE IDÉIA

Condensação "KGB"
JOHN BARRON

O ESPIÃO QUE MUDOU DE IDÉIA



Kaarlo Tuomi em 1951

Durante nove anos na cidade russa de Kirov, onde ensinava inglês, Kaarlo Tuomi trabalhou também para o KGB, o poderoso órgão do serviço secreto da União Soviética. Depois, em 20 meses extenuantes, foi submetido a um preparo intensivo para se tornar agente de espionagem nos E.U.A. (ver “A Educação de um Espião Soviético”, em Seleções do mês passado). Estamos agora em março de 1959, e numa rua de uma cidade americana êle enfrenta uma terrível decisão

Condensação de

“KGB”

THE SECRET WORK OF
SOVIET SECRET AGENTS

JOHN BARRON

“**Q**uer que o levemos diretamente para a cadeia ou prefere conversar e ver o que arranjamos?”

Kaarlo Tuomi, um homem de 42 anos, de rosto grande e simpático e olhos azuis que normalmente irradiavam bom humor, sentiu os braços e pernas tremerem. Olhando os dois jovens bem vestidos e atléticos que o tinham feito parar, percebeu instintivamente que eram agentes do FBI. Pensava que o seu treinamento em Moscou o tinha fortalecido para enfrentar qualquer situação, mas nada o tinha realmente preparado para aquele momento. Parecia inconcebível que tantos anos de trabalho e planejamento pudessem evaporar-se de modo tão súbito. Apesar de tudo, de algum modo o FBI o encontrara. Tentou desesperadamente coordenar as idéias. Mas o conselho único de sua aprendizagem no KGB de que podia lembrar-se era o seguinte: sua lenda é sua única defesa. Apegue-se a ela, aconteça o que acontecer.

—Deve haver algum engano, senhores—disse êle.—Terei prazer em esclarecê-lo, se puder.

—Muito bem. Entre no carro então—ordenou um dos homens, apontando um carro preto no qual havia dois homens.

Já estavam bem longe da cidade quando o homem sentado na ponta do banco da frente disse:

—Acho que podemos dar-nos a conhecer. Meu nome é Don e êste aqui é Gene—murmurou êle, indicando o motorista.—Steve está à sua esquerda e Jack à sua direita.

Don era alto, magro e simpático. Era dêle a voz que Tuomi ouvira primeiro na rua e evidentemente era êle que comandava a diligência. Gene era sardento e tinha aparência juvenil. Steve tinha cabelos louros ondulados, rosto corado e o aspecto calmo de um professor, o que de fato êle tinha sido. Mas Jack parecia um lutador profissional que tivesse subido a coisas melhores. Tinha os olhos negros fixos em Tuomi com uma expressão de indisfarçado desprezo.

Depois de rodarem cêrca de uma hora, entraram numa estrada secundária, descendo por um caminho estreito e sombrio, que foi dar num pavilhão de caça no fundo da floresta. Um homem môço deu entrada a Tuomi e ao grupo. Depois que a porta se fechou, Don ordenou:

—Tire as roupas.

—Para quê?—perguntou Tuomi.

—É nosso dever ter certeza de que não leva coisa alguma com que possa prejudicar-se—respondeu Jack.

Tuomi despiu-se e ficou no centro da sala principal do pavilhão. O teto era alto e abobadado, o soalho de tábuas de largura irregular e havia uma grande lareira de pedra onde quatro ou cinco enormes troncos começavam a arder. No alto havia uma galeria aberta com beliches que servia evidentemente de dormitório. À direita havia dois quartos, um banheiro e uma cozinha. Numa sala atrás da lareira Tuomi ouvia vagamente pedaços de uma conversa ininteligível mantida pelo rádio.

Tuomi conservou as mãos apoiadas



nas costelas para impedi-las de tremer enquanto Steve o examinava metódicamente com luvas de borracha.

Os outros três agentes rebuscavam-lhe as roupas, a pasta e a carteira.

—Está tremendo—disse Don quando a busca material terminou.—Quer comer ou beber alguma coisa?

Durante a viagem e a busca êle havia repassado minuciosamente a lenda que os seus instrutores soviéticos lhe tinham preparado. Na realidade, Kaarlo R. Tuomi era um agente do KGB que tinha sido intensivamente adestrado para fazer espionagem nos Estados Unidos. Estava usando o seu verdadeiro nome porque nascera nos Estados Unidos. A família dêle se transferira para

a União Soviética em 1933, mas o KGB havia elaborado uma complexa biografia para cobrir os 25 anos que passara na Rússia. De fato, desde a sua chegada aos Estados Unidos dois meses antes, êle tinha procurado conhecer bem os lugares onde supostamente vivera e trabalhara. Completava essa etapa de sua missão em Milwaukee, Estado de Wisconsin, um pôrto à margem dos Grandes Lagos, quando os agentes do FBI o detiveram.

Depois de um almôço de sopa e sanduíches, começou o interrogatório. Tuomi ficou sentado num sofá diante da lareira. Tão empenhado estava em manter sua lenda que raramente tinha consciência de quem lhe fazia as perguntas:

—Que está fazendo em Milwaukee?

—Procurando emprêgo.

—Quem conhece em Milwaukee?

—A bem dizer, ninguém. Trabalhei em outros tempos aqui numa oficina mecânica e, depois, na fábrica da General Electric, no departamento de embalagem. Depois disso tive uma pequena oficina de marceneiro. Mas minha mulher me deixou em 1956 e eu fui para Nova York para começar vida nova. Parece que todos os meus amigos daqui se mudaram.

—Que veio então fazer aqui?

—Estava cansado de Nova York. Criei-me perto dos Grandes Lagos e senti vontade de voltar.

—Onde morou em Nova York?

—Num edifício de apartamentos na Avenida Decatur, 4738, até dezembro do ano passado. Tive de mudar-me porque o edifício ia ser demolido. Fiquei hospedado no Hotel George Washington até que vim para cá.

—Onde trabalhava?

—Numa companhia de madeiras.

—Não traz carteira de motorista. Tem carro?

—Não.

—Como ia para o trabalho em Nova York?

—De ônibus.

—Que ônibus? Diga qual era o itinerário.

Em Moscou e durante as suas primeiras semanas em Nova York, Tuomi havia estudado os bairros onde ficavam o edifício de apartamentos e a companhia de madeiras. Ninguém previra, porém, que êle teria de saber qual era o ônibus que fazia a viagem entre os dois pontos e, muito menos, o seu itinerário.

—Para dizer a verdade, não me lembro do número exato do ônibus —disse êle.

—Viajou num ônibus semanas a fio e não nos pode dizer qual era? —perguntou Jack incisivamente.

Tuomi não respondeu.

—Deixe Nova York de lado por enquanto —disse finalmente Don. —Fale-nos sôbre sua vida anterior.

Fim de Uma Lenda

TUOMI começou a recitar a lenda que havia praticado milhares de vezes. Nascera em Míchigan em 1916. Fizera o curso secundário na cidade de Rock, mas depois da morte da irmã em 1932, o padrasto, de origem finlandesa, abandonara a família, e a mãe o levara para a fazenda da avó em Minesota. Em 1938, quando tinha 22 anos, casara-se com Helen Matson, namorada de infância em Míchigan. Trabalhara na fazenda da avó durante algum tempo, até que a mesma começara a dar prejuízo em 1941. Fôra isentado do serviço militar no tempo da guerra por ser arrimo da espôsa, da mãe e da avó doente.

Depois que a fazenda deixara de dar lucro, exercera uma porção de empregos. Tinha ido para o Canadá e trabalhara num campo de lenhadores à margem do Rio Fraser, na Colúmbia Britânica, sendo depois transferido para um depósito de madeiras em Vancouver. Em 1949 mudara-se para Milwaukee. A mulher fôra-lhe infiel e o abandonara em 1956, causando-lhe alguns problemas emocionais. A mãe e a avó tinham morrido. A fazenda de Minesota havia muito se fundira com outras.

Era uma lenda sólida, com forte base em fatos. O KGB levava meses para aperfeiçoá-la, tecendo detalhes reais do princípio da vida de Tuomi com informações fornecidas por outros espões a fim de construir uma história plausível. Por exemplo, em 1938, uma Helen Matson saíra de

uma cidade do Alto Míchigan para se casar. Nunca mais houvera notícias dela. Tuomi tinha passado horas sem conta em Moscou olhando instantâneos e filmes tirados no interior de três dos lugares onde êle supostamente havia trabalhado. Enquanto falava, Tuomi intercalou reminiscências dêsses empregos que aumentaram a verossimilhança da história.

Os agentes escutavam atentamente. Tudo parecia tão crível que, pela primeira vez desde que enfrentava o FBI, Tuomi pensou que talvez tivesse uma chance. Mas, no fim da tarde, um quinto agente saiu da sala atrás da lareira e falou em voz baixa com Don.

—Kaarlo, nossos colegas fizeram algumas verificações hoje à tarde—disse Don.—Falamos com a General Electric em Milwaukee, com a companhia de madeiras em Nova York e com os dois últimos síndicos do edifício de apartamentos onde você alega ter morado. O seu nome não está registrado em nenhum dêsses lugares. Como explica isso?

Tuomi encolheu os ombros:

—Não devem ter falado com as pessoas certas.

—Penso que é mais lógico presumir que nos está mentindo—disse Don.—Veja esta fotografia. Reconhece êste homem?

—Reconheço—disse Tuomi espantado.—É o meu padrasto.

—E estas pessoas?—perguntou Don, entregando-lhe outra fotografia.

—Minha mãe, meu padrasto, minha irmã e eu quando garôto.

—Lembra-se de quando essa fotografia foi tirada?

—Não. É a primeira vez que a vejo.

—Pense bem. Não foi em 1933, pouco antes de irem os quatro para a União Soviética?

Tuomi largou a fotografia e viu que os agentes sorriam para êle.

—Vamos descansar um pouco—disse Don.

De pé em tórno do fogo, os agentes foram polidos e até amistosos. Falaram sôbre o tempo e comentaram a violência de uma nevada iminente. Por fim, Steve disse casualmente:

—A propósito, Kaarlo, quando você estava hospedado no George Washington em Nova York, que era que tanto batia à máquina em seu quarto?

Êle tinha simplesmente praticado numa máquina de escrever portátil que comprara pouco antes. Mas a pergunta foi arrasadora para Tuomi. Isso lhe mostrava como o FBI o vigiava de perto desde a sua entrada no país. E essa evidência, juntamente com as fotografias, obtidas talvez de parentes distantes ou de amigos de seus pais, era prova de que o FBI sabia o que êle de fato era. A sua lenda estava destroçada. Apesar disso, decidiu não ceder.

Más Notícias

QUANDO recomeçou o interrogatório, Tuomi declarou:

—Resolvi dizer a verdade.

Os agentes ficaram à espera.

—Em parte, estavam certos ontem —disse Tuomi.—Meu padraço saiu conosco do país em 1933, mas fomos para a Finlândia e não para a União Soviética. Sempre fiz planos de voltar para os Estados Unidos. No outono do ano passado, consegui um lugar de marinheiro a bordo de um cargueiro finlandês. Quando o navio chegou a Quebec, desertei e vim para os Estados Unidos. Sei que isso é ilegal, mas procedi assim porque queria viver na minha terra.

Uma saraivada de perguntas se abateu no mesmo instante sobre ele. Como era o nome do navio? Quem era o comandante? E o primeiro piloto? Qual era a carga? De que porto havia partido? Qual fôra a data da chegada ao Canadá? Onde Tuomi conseguira os documentos falsos?

Mais tarde, Don saiu da sala atrás da lareira para contestá-lo de novo:

—Tenho outras más notícias para você, Kaarlo. As autoridades navais dizem que não há um navio finlandês como o que você descreveu. Descobrimos também alguma coisa mais.

Colocou em cima da mesa um vidro de comprimidos laxativos que tinha sido dado a Tuomi em Moscou.

—Encontramos isto dentro da sua pasta. Que há aí dentro?

—Remédio—respondeu Tuomi.

Os comprimidos tinham o nome de uma marca americana comum. Don colocou na mesa um vidro idêntico. Em seguida, tirou um comprimido de cada um dos vidros, colocou-os lado a lado e cortou cada qual pelo meio com um canivete.

—Veja, Kaarlo—disse êle.—Êste comprimido é todo branco. Mas o de seu vidro é côr-de-rosa por dentro. Como explica isso?

—Não sei—respondeu Tuomi.

—Bem, o nosso laboratório sabe algo a respeito. Diz que os seus comprimidos contêm uma substância química especial que não é fabricada nos Estados Unidos. Sugere-nos também que o único uso possível para essa substância seria o desenvolvimento de alguma espécie de escrita invisível. Que nos diz a isto?

—Nada tenho a dizer.

—Já é tempo de falarmos francamente—continuou Don.—Tudo indica que você é um agente soviético mandado para cá em missão de espionagem. Acontece que sabemos que a verdade é essa. Você está neste país ilegalmente. Não temos necessidade de fazer mais nada senão deportá-lo; entregá-lo de volta aos russos. Êles cuidarão de você.

Fêz uma pausa e continuou:

—Pense bem. Se você explicar o que aconteceu aqui, ninguém acreditará. As pessoas que planejaram sua missão não vão convencer-se de modo algum de que os erros foram delas. Na melhor das hipóteses pensarão que você está mentindo para encobrir alguma falha tremenda, e você será estigmatizado como um fracasso. É mais provável que suspeitem de coisa ainda pior a seu respeito. Nada que você faça ou diga convencerá os seus superiores de que você não fêz um trato conosco e de que nós não o recambiamos para lá

como agente nosso. Por outro lado, se preferir cooperar conosco . . .

Mal essas palavras foram pronunciadas, Tuomi explodiu:

—Por que iria eu cooperar com um regime que está caindo aos pedaços? O lado de vocês está perdendo! E nós estamos ganhando!

Era a primeira brecha na fachada de Tuomi, e os agentes aproveitaram-se dela.

—Você viajou muito através deste país nos últimos dois meses—repliquou Jack.—Teve a impressão de que o regime está caindo aos pedaços?

—Isso não acontecerá da noite para o dia—respondeu Tuomi.—Mas historicamente o colapso do capitalismo é inevitável.

Em seguida Tuomi e os agentes do FBI se empenharam numa ardorosa discussão ideológica. Tuomi repetiu convictamente toda a doutrina marxista, socialista e antiamericana absorvida em 25 anos de União Soviética. Os agentes aceitaram certos pontos e troçaram de outros.

—Nós temos problemas sérios neste país, Kaarlo—disse Don.—Mas ao menos procuramos resolvê-los por meio das urnas eleitorais.

A discussão prosseguiu durante o jantar e noite adentro.

—Não estamos chegando a nenhum resultado com isto—disse finalmente Don.—Vou concluir o que comecei a dizer. Se cooperar conosco, faremos parecer que você cumpriu todas as suas tarefas. Será chamado algum dia e poderá voltar para sua terra sem ninguém saber do que acon-

teceu. Desfrutará de todos os prêmios dados a um clandestino vitorioso e poderá levar uma vida normal em seu país.

Tuomi não respondeu, mas não pôde deixar de pensar na família que tinha deixado na U.R.S.S.—a esposa, Nina, e os filhos, Viktor, de 11 anos, Irina, de 7, e Nadejda, de apenas 5.

—Sei que neste momento as coisas lhe parecem muito sombrias—continuou Don.—E compreendo que a decisão que tem de tomar é difícil. Mas vai ter de tomá-la sem demora. O perigo aumentará para você de dia para dia enquanto estiver fora de circulação. O Centro* costuma submeter os seus ilegais a verificações secretas. É possível que agora mesmo haja um homem à sua procura.

Condições de Rendição

TUOMI caiu em profunda depressão. A perspectiva de trair seus professores, sua pátria e tudo aquilo em que acreditava fazia-o sentir-se fraco e nauseado. Pensou em fingir colaboração com o FBI apenas o tempo suficiente para fugir para o México ou refugiar-se na Embaixada Soviética em Washington. Mas, por mais saídas que planejasse, tudo ia terminar num ajuste de contas com o KGB. Sempre teria de convencer os seus superiores de que não se vendera nem fôra descoberto em consequência de erro da sua parte. E quanto mais refletia mais duvidava de que

* No linguajar do serviço secreto soviético, a sede de Moscou.

pudesse fazer alguém em Moscou acreditar nêle.

Pensou nos campos de trabalho onde o KGB prendia as pessoas "suspeitas". (Certa vez o KGB tinha-o obrigado a espionar os internados de um campo perto dos pântanos de turfa na Província de Kirov.) Como em delírio, viu imagens grotescas de si e de sua família amontoadas num compartimento dos barracões do campo. Encarou por outro lado a pobreza que os seus sofreriam se só êle fôsse mandado para o campo. Foi principalmente a preocupação com a família que o fêz perguntar:

—Em que consistiria essa cooperação?

—Em primeiro lugar, procederia como se nunca se tivesse encontrado conosco—respondeu Don.—Conseguiria um emprêgo, construiria a sua cobertura, manteria comunicações normais com o Centro e cumpriria tôdas as missões que êle lhe desse. É claro que nos poria a par de tudo.

—Que fariam então?—perguntou Tuomi.

—Nós lhe daríamos orientação e alguma assistência para assentar as coisas. Mas é muito importante, especialmente no comêço, que faça tudo por si mesmo como normalmente faria. Se nós o ajudássemos a avançar muito depressa o Centro estranharia que você estivesse fazendo mais progresso do que o clandestino normal e ficaria desconfiado.

—Quem redigiria as mensagens para o Centro, eu ou vocês?

—Em geral, você. Mas nós teria-

NOVA FORMA DE PROTESTO.

Protesto contra tudo o que é ultrapassado. "Démodé".

Protesto contra a escrita pesada das canetas antiquadas.

Luta a favor da escrita macia, gostosa.

Que só Sheaffer tem.

conformista. O mundo está mudando.

Mude v. também. Para Sheaffer, a caneta de quem tem idéias jovens. Idéias novas.

Vamos, escreva protestando.



SHEAFFER

□ Prestígio mundial em suas mãos

Não seja um

mos a palavra final sôbre o que fôsse enviado.

Tuomi abanou a cabeça:

—Não dará certo. De um modo ou de outro o Centro descobrirá.

—Kaarlo, isso já deu certo em outras ocasiões e dará de nôvo.

Tuomi ficou pensando em silêncio.

—Está bem —disse êle. —Vou tentar, desde que concordem com uma coisa. Contarei tudo sôbre minha missão e sôbre o que acontecer daqui por diante, mas nada direi sôbre minha preparação, meus professôres, meus colegas ou qualquer outro segredo de que eu possa ter tido conhecimento na União Soviética.

—É muito justo —disse Don. —Naturalmente há uma porção de coisas que gostaríamos de saber. Mas

não faremos pressão sôbre você. Creio que acabará querendo contar-nos tudo por sua livre e espontânea vontade. Quando estiver disposto a isso, fale com Jack ou Steve. Êles é que cuidarão de você daqui por diante.

Mensagens de Moscou

TUOMI voltou sòzinho de ônibus para Nova York e mudou-se para o Hotel Seville. Na tarde seguinte levou quase duas horas passando do *subway* para ônibus e para táxis até chegar ao Hotel Statler Hilton e encontrar-se com Jack e Steve. Os três redigiram com todo o cuidado uma carta em que o Centro era informado de que a excursão de Tuomi para conhecer o Meio-Oeste tinha sido um sucesso sem novidades. Jack

**chocolate
gostoso esperou para
ser DULCORA**

DULCORA
CHOCOLATE COM LEITE

Em seis sabores:
CHOCOLATE COM LEITE
- UVA PASSA - CAJU
- AMÊNDOAS - AVELÃS
- CROCANTE DE MEL

transmitiu o texto proposto e uma hora depois Washington comunicou sua aprovação. Quando Tuomi escreveu a carta com tinta invisível percebeu que os dois agentes estavam atentos a todos os movimentos de sua mão e compreendeu o motivo.

—Não fiz qualquer sinal, se é isso que os está preocupando—disse êle quando terminou.

—Estávamos mesmo esperando que você falasse nisso, Kaarlo—disse Steve.—Deram-lhe algum sinal para ser usado na hipótese de que você fosse descoberto?

—Não e não posso compreender por quê. Teria sido muito fácil. Bastaria suprimir uma vírgula e êles ficariam sabendo.

Tuomi endereçou o envelope para um escritório em Hélsinqui e entregou-o para Jack, que o devolveu.

—Vão confiar em mim para botar isto no correio?—perguntou Tuomi.

—De agora em diante não haverá outro recurso senão confiarmos mutuamente uns nos outros.

Nas semanas seguintes a melancolia e o medo de Tuomi foram-se agravando de dia para dia. Não havia para êle outra solução que não fosse a combinação que fizera com o FBI. Mas sentia culpa e vergonha de estar colaborando com o inimigo. Começou a emagrecer e acordava no meio da noite com terríveis pesadelos. Tôda pessoa estranha na rua passou a ser um possível assassino de Moscou e tôda campanha de telefone ou batida na porta era um som de perigo. Receava a próxima mensagem do

Centro, esperando que contivesse a sua condenação.

A data marcada para a mensagem era 21 de abril. Apenas a aurora despontou sôbre Queens naquele dia, Tuomi seguiu as instruções que havia decorado em Moscou. Aproximou-se cautelosamente de uma passagem sob uma ponte de estrada de ferro da Rua 69, local de um dos “depósitos” que o KGB havia determinado que êle usasse para deixar ou apanhar mensagens. Tudo estava em silêncio e os seus passos ressoavam no chão. Abaixando-se, fingiu que amarrava o cordão dos sapatos. Não viu ninguém. Apanhou prontamente um recipiente de metal imantado e escondeu-o num exemplar enrolado do *Times* de Nova York. Chegou ao Statler Hilton em Manhattan duas horas depois. Jack e Steve esperavam-no lá com café quente.

O recipiente continha 3.000 dólares em notas de 20 dólares e duas folhas com escrita secreta.

—Pode revelar essa folha e nós cuidaremos desta—disse Jack.

Tuomi ficou olhando atentamente enquanto a cuba de substâncias químicas que segurava fazia a mensagem aparecer. Dizia ela: “Parabéns pelo sucesso da excursão. A legalização vai-se processando normalmente. Continue cauteloso e não se apresse. Felicidades. Chefe.”

Steve bateu no ombro de Tuomi.

—Como vê—disse—êles não fazem a menor idéia do que aconteceu. Você se preocupou à toa.

Com excepcional polidez, Jack en-

tregou-lhe a segunda fôlha, ainda úmida do banho revelador. Continha três breves cartas que o Centro re-escrevera com tinta invisível. Tuomi leu-as, quase podendo ouvir as vozes de sua família. A mulher escrevia: "Meu querido . . . Meu trabalho é penoso, mas tôdas as dificuldades desaparecem quando vejo nossos filhos. Beijos de todos." De Viktor: "Estou muito contente com seus presentes. Mas a melhor coisa com que vivo sonhando é ver você." De Irina: "Papai, volte, por favor, para junto de nós. Adeus, papai."

Êle releu em silêncio as palavras.

—Kaarlo, deixemos de lado o trabalho hoje à tarde e vamos para minha casa à noitinha—disse Jack.—Quero que você conheça a minha família e veja que boa cozinheira é minha mulher.

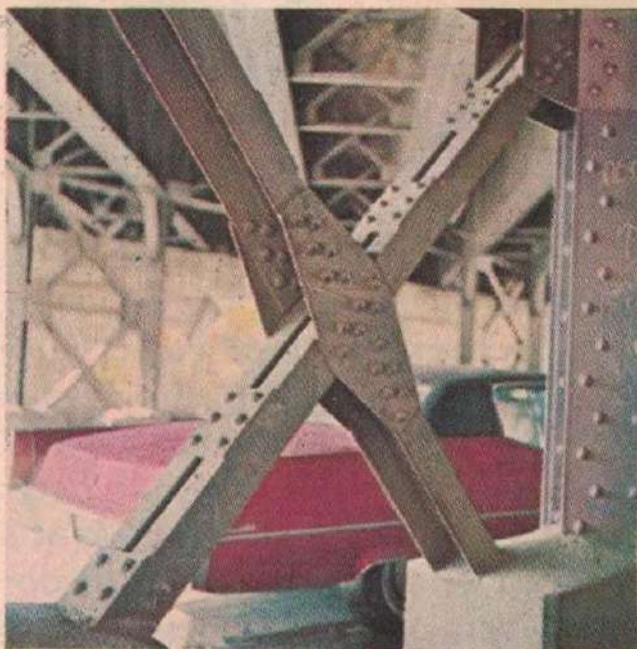
O Espião que Veio Jantar

A CASA de Jack ficava numa rua arborizada nos subúrbios, a uma hora de carro de Manhattan. Era uma casa de madeira, branca, de dois andares e oito peças, construída em princípios da década de 1930. Jack tinha feito o acréscimo de um banheiro e um pequeno escritório, remodelado a cozinha, construído um pátio de pedra e cercado o quintal.

Na sala de estar a espôsa de Jack, uma bonita ruiva de cêrca de 40 anos, recebeu Tuomi com um cordial apêrto de mão e um sorriso.

—Foi um prazer para nós que pudesse vir. É sempre uma alegria conhecer amigos de Jack—disse ela.

Tuomi não podia perceber exatamente o que a dona da casa sabia sôbre êle, mas logo se tornou evidente que tinha conhecimento de que êle era estrangeiro e estava sôzinho em Nova York. Depois que conversaram um pouco, convidou-o a ir até à cozinha.



Ponte ferroviária da Rua 69 e as vigas embaixo. Os recipientes com as mensagens eram colocados no encaixe superior onde as vigas se cruzavam

—Se me desculpar a desarrumação, procurarei dar-lhe algumas sugestões para quando tiver de montar sua casa.

Quando acabou de fazer o jantar, ela informou a Tuomi sôbre vários alimentos congelados, explicou os

méritos de diversos detergentes e tipos de sabão em pó e indicou-lhe *menus* para refeições rápidas. Tuomi admirou a quantidade de produtos e, mais que isso, a maneira como a cozinha estava arrumada e equipada.

Pouco antes do jantar, os dois filhos de Jack, já rapazes, apareceram na sala de jantar e apresentaram-se. Quando todos se sentaram, Jack fêz uma oração de graças e Tuomi se lembrou do conselho de seu professor soviético para inclinar a cabeça e fechar os olhos. O jantar—vitela assada com mólho e biscoitos quentes—foi excelente. A conversa foi fácil e natural. Ninguém parecia inibido pela presença de Tuomi e a família discutiu as habituais questões particulares como se êle fizesse parte dela. De quem era a vez de sair com o carro na noite de sábado? O aparelho de televisão precisava de consêrto pela segunda vez em cinco semanas. Seria melhor consertá-lo, comprar um nôvo ou empregar o dinheiro na compra de uma eletrola nova para substituir a velha? Estavam todos prontos a acordar às seis horas da manhã para a Missa de domingo para que Jack pudesse aceitar um convite para jogar gôlfe às nove horas?

Os filhos de Jack ajudaram a tirar a mesa e a mulher serviu café e sobremesa. Depois de provar o primeiro pedaço, Tuomi largou o garfo e exclamou:

—Nunca provei nada tão delicioso!

A mulher de Jack sorriu:

—É uma torta de cerejas.

Mais tarde os rapazes pediram licença para irem fazer os seus deveres escolares e Jack propôs que corressem rapidamente a casa. Tuomi ficou surpreso de que houvesse um quarto desocupado reservado para hóspedes. No escritório viu pendurados acima da mesa de Jack um diploma de bacharel de uma universidade, um diploma de advogado de outra e quatro elogios do FBI emoldurados. Nas estantes viu *Das Kapital* e uma dezena mais ou menos de outros volumes sôbre comunismo. Sorriu e pegou uma edição de *Fundamentos do Marxismo-Leninismo*, em inglês, publicada em Moscou.

—Não sabia que havia marxistas no FBI—observou êle.

—Não se pode combater o que não se compreende—disse Jack.—Mas não vamos falar de negócios esta noite. Que tal um drinque de despedida antes de eu o levar de volta? Temos de sair daqui a pouco, pois não seria prudente que eu fôsse com você até ao hotel. Eu o deixarei perto do *subway*.

Quando saíram, Tuomi disse à mulher de Jack:

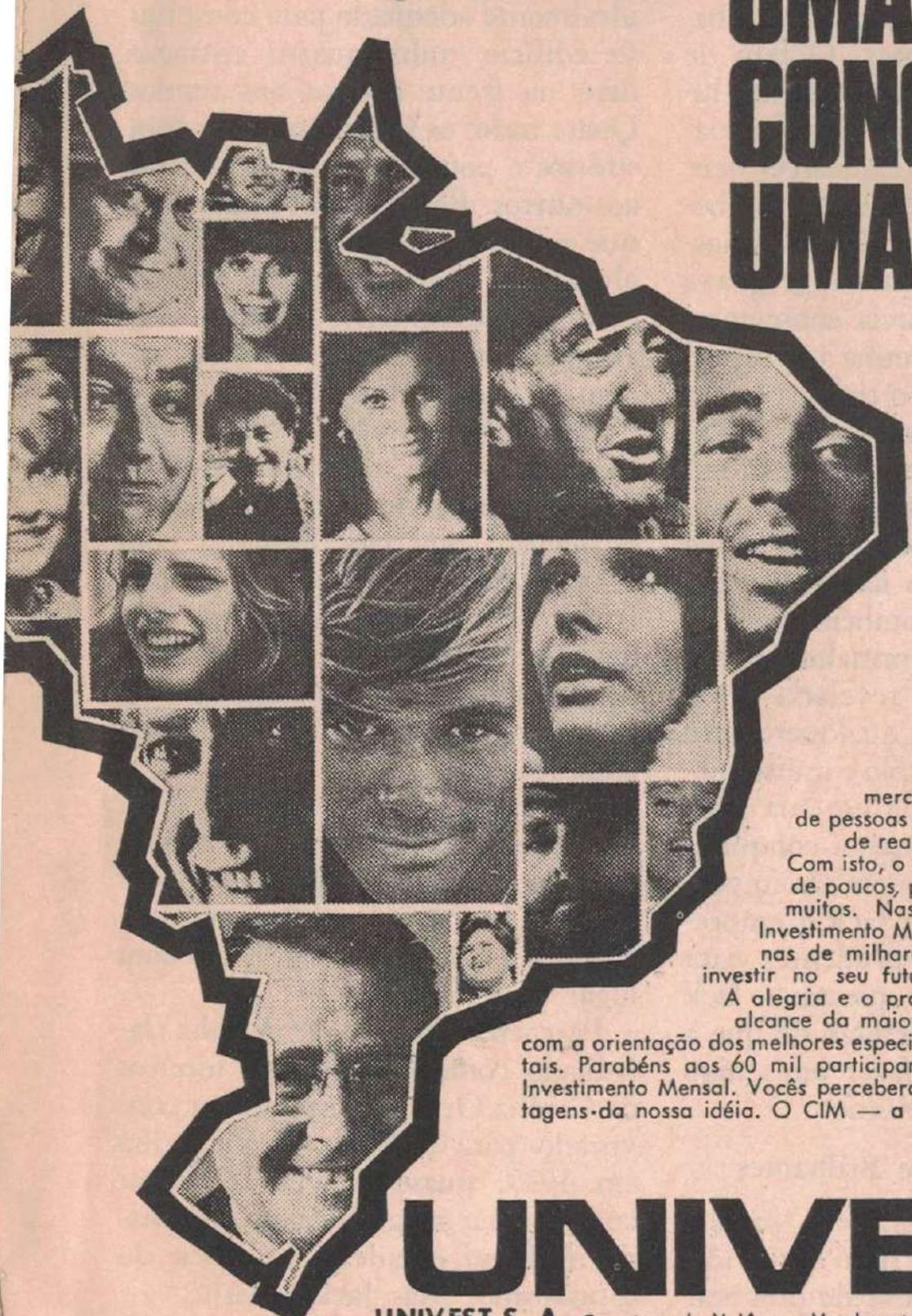
—Tem uma esplêndida família e uma esplêndida casa. Foi muito bom para mim ter estado aqui.

—Nós gostamos muito da sua companhia—respondeu ela.—Ah, espere um pouco. Já ia-me esquecendo de uma coisa.

Voltando da cozinha, entregou a Tuomi uma torta embrulhada em papel prateado.

—Fiz duas—disse ela.

QUANDO UMA IDÉIA CONQUISTA UMA NAÇÃO



No começo de 1968
tivemos uma idéia.
A de montar um sistema
que permitisse o acesso ao
mercado de capitais de milhares
de pessoas que não tivessem condições
de realizar investimentos de vulto.
Com isto, o que até então era privilégio
de poucos, passaria a ser um direito de
muitos. Nasceu o CIM — Contrato de
Investimento Mensal. De norte a sul, de-
zenas de milhares de pessoas passaram a
investir no seu futuro e no futuro do país.
A alegria e o prazer de subir na vida. Ao
alcance da maioria. Com segurança total e
com a orientação dos melhores especialistas no mercado de capi-
tais. Parabéns aos 60 mil participantes do nosso Contrato de
Investimento Mensal. Vocês perceberam, desde o início, as van-
tagens da nossa idéia. O CIM — a idéia que, hoje, conquistou
uma nação.

UNIVEST

UNIVEST S. A. Corretora de Valores - Membro da Bolsa de Valores de S. Paulo
N.º 67 - Carta Patente N.º A-67/1373 - Capital e Reservas NCr\$ 1.323.039,16 - Rua Líbero
Badaró, 293 - 27.º andar - Tel.: 36-8520 - São Paulo.

UNIVEST S. A. Distribuidora Nacional de Títulos e Valores Mobiliários - Carta
Patente A-68/4623 - Capital e Reservas NCr\$ 300.000,00 - **São Paulo:** Rua da Qui-
tanda, 114 - PABX: 37-0161 - **Rio:** Rua do Carmo 8 - 8.º andar - Tel.: 222-2051 - **Curitiba:**
Rua Marechal Deodoro, 450 - 12.º andar - salas 1201/03 - **Porto Alegre:** Av. Borges de
Medeiros, 340 - 10.º andar - Tel.: 25-4857 - **Brasília:** Setor Comercial Sul - Edifício Central
13.º andar - sala 1306 - Tel.: 43-3093.

A sós com o barulho do *subway*, Tuomi sentiu outra onda de culpa ao reconhecer intimamente quanto havia apreciado o jantar. O fato de Jack ter uma casa extremamente luxuosa em comparação com os padrões soviéticos era explicável dentro da educação que Tuomi recebera. Mas a ausência de medo, a atmosfera de confiança que impregnava não o eram. Jack havia conscientemente exposto sua família a um agente soviético, e todos o tinham aceito como um amigo. Para Tuomi os Estados Unidos eram ainda um inimigo. Êle sabia que devia também considerar Jack um inimigo. Mas estava percebendo que isso não acontecia.

A ocasião fôra também fora do comum para Jack. Normalmente um agente do FBI não revelaria o seu verdadeiro nome ou qualquer outra coisa a um agente duplo e muito menos lhe daria entrada em sua casa. Mas o FBI julgava que a conquista da lealdade de Tuomi era tão importante que autorizara Jack a empregar todos os meios prudentes para estabelecer relações pessoais. Jack havia chegado à conclusão de que a melhor maneira de fazer um amigo era ser um amigo genuíno.

Uma Pulseira de Brilhantes

COMO o FBI insistia em que êle fizesse por si mesmo tudo o que fôsse possível, Tuomi teve de procurar pessoalmente um apartamento. Depois de semanas de procura, encontrou um na Rua 80, depois da Avenida Roosevelt, no bairro de Jackson

Heights, distrito de Queens. Ficava no quinto andar de um velho edifício idealmente adequado para conspirar. O edifício tinha quatro entradas, duas na frente e duas nos fundos. Quase todos os inquilinos eram transitórios e pouca atenção davam uns aos outros. Foi também importante que o FBI conseguisse descobrir e alugar um apartamento nas imediações—um esconderijo seguro e conveniente onde Tuomi poderia encontrar-se com Jack e Steve.

Depois de instalado, Tuomi matriculou-se num curso da contabilidade e serviços de escritório de uma escola de comércio. Estudou com tanto afinco que completou o curso três meses antes do prazo—em fins de setembro de 1959—e, com a ajuda de uma agência de empregos de Manhattan, começou a procurar colocação.

—Acho que temos alguma coisa para o senhor—disse-lhe uma empregada da agência em meados de outubro.—Há uma vaga no escritório de Tiffany & Cia, joalheiros. Ê um bom lugar para trabalhar.

Pareceu a Tuomi, que já tinha trabalhado como lenhador no interior da Carélia Oriental antes de ser convocado para o Exército Vermelho em 1939, quase ridículo procurar emprêgo na magnificência de jóias da Tiffany, cidadela simbólica do capitalismo. Mas Jack insistiu:

—Vá para lá. Que tem a perder?

O encarregado de pessoal da Tiffany conversou com Tuomi cêrca de 50 minutos, querendo saber de sua

instrução, de seus interesses e dos empregos anteriores que ocupara. Tuomi repetiu a sua biografia fictícia e apresentou o certificado da escola de contabilidade

—Creio que dará certo—disse o homem em conclusão.—Fará três meses de experiência no departamento de contabilidade, com o ordenado de 65 dólares por semana. Se der certo, terá um grande futuro aqui.

O Centro ficou exultante quando, três meses depois, Tuomi foi efetivado como analista de preços, com um aumento de cinco dólares. Tiffany era um abrigo perfeito onde o seu homem poderia esconder-se enquanto constituía as suas credenciais como americano e se preparava para as missões de espionagem. “Continue a consolidar as suas posições”, foram as instruções do Centro. “Comece a ampliar o seu círculo de relações.” O afluxo regular de dinheiro e mensagens mostrava que, vista de Moscou, a operação parecia estar-se desenvolvendo impecavelmente.

Para Tuomi pessoalmente a Tiffany desvendou um mundo cintilante e até então inimaginável. Na primeira noite em que teve de fazer trabalho extraordinário viu-se sozinho entre milhões de dólares em jóias. Em Kirov, mesmo depois de anos a ser-



Tuomi como empregado da Joalheria Tiffany, Natal de 1960

viço do KGB, sabia que ainda era espionado, que ainda lhe preparavam armadilhas. Entretanto, ali, ao fim de alguns meses apenas, a Tiffany confiava nêlo inteiramente, permitindo-lhe andar à vontade por tôda parte, sem vigilância nem guarda.

Ao fim de uma tarde, quando fazia balanço com outro funcionário, Tuomi pegou uma magnífica pulseira de brilhantes sem etiquêta. Tinha de levá-la ao Departamento de Registro a fim de que determinassem o preço e afixassem uma etiquêta. Nesse momento o telefone tocou e êle guardou a pulseira no bôlso do paletó enquanto corria para atender.

—Vamos, Kaarlo—disse o colega quando êle desligou.—Temos de andar depressa para acabarmos com isso antes de fecharem a casa.

Naquela noite, quando pendurou o paletó em seu apartamento, Tuomi

sentiu a pulseira. Foi quase dominado pelo pânico. Olhou os brilhantes, imaginou enxames de detetives subindo a escada para prendê-lo e boletins na televisão anunciando a sua captura. Viu-se lendo uma manchete do *Daily News*: **ESPIÃO SOVIÉTICO ROUBA PULSEIRA DA TIFFANY.**

Na manhã seguinte, pálido após uma noite em claro, Tuomi esperou diante da joalheria até que um guarda abriu a porta.

—Aqui está um artigo sem etiqueta—disse êle ansiosamente ao gerente do Departamento de Registro.—Mande fazê-la, por favor.

Com lente de aumento, o gerente examinou a marca de preço gravada na parte interna da pulseira.

—Dezoito mil dólares—disse êle.—Uma beleza, não é?

Tuomi ficou tão aliviado que nem pôde responder.

“Que Há de Tão Mau Nisso?”

JACK E STEVE insistiam constantemente com Tuomi para que explorasse por si mesmo os Estados Unidos. Em parte por sugestão dêles, comprou um excelente carro de 1954. Nenhum adolescente teria mais orgulho de seu primeiro carro. Depois do trabalho, Tuomi rodava quase sempre pela cidade pelo simples prazer de andar de carro. Aventurou-se sozinho até às montanhas de Catskill e Pocono, e a Filadélfia, Washington, à Baía de Chesapeake e a Williamsburg. Durante as suas primeiras férias na Tiffany fez uma excursão de duas semanas pelas flo-

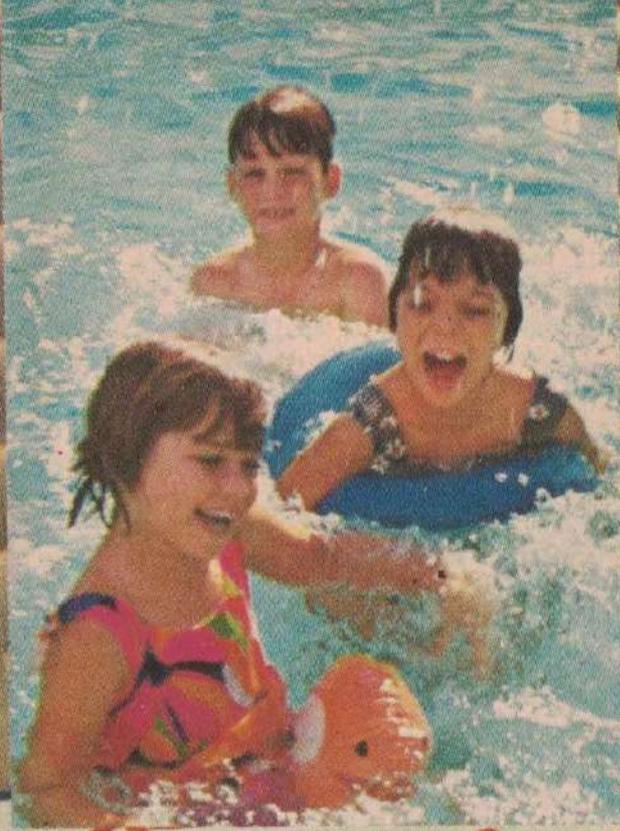
restas e lagos de Míchigan e Minnesota onde havia passado a infância.

A sua preparação para o serviço secreto, acentuando-lhe a observação e a análise, intensificou-lhe as reações ao que viu. Durante algum tempo, os engarrafamentos do tráfego foram para êle uma fonte não de frustração, mas de assombro. Por que podiam os operários capitalistas ter carros, e os operários comunistas não podiam? Numa tarde de domingo passou de carro por milhares de residências suburbanas. Embora modestas em comparação com os padrões americanos, ainda assim as casas eram agradáveis e simpáticas. Tuomi viu gente descansando, trabalhando ou cozinhando em grelhas nos quintais. Por que podiam tantas crianças americanas brincar em gramados verdes que lhes pertenciam, mas os filhos dêle não podiam? O KGB tinha-o preparado para o fato de que os Estados Unidos eram ricos, mas ninguém lhe tinha dado idéia da proporção da população que participava da riqueza.

Noutro domingo Jack sugeriu-lhe casualmente que fôsse à Missa com êle. Tuomi tinha sido educado tanto pelo seu padrastrô finlandês como pelo comunismo para se tornar um ateu militante. Entretanto, seus professores soviéticos tinham acentuado a necessidade de que êle freqüentasse a igreja. Em vista disso, concordou em ir, esperando divertir-se com as cerimônias supersticiosas. Mas o silêncio da igreja, a solenidade da celebração, os hinos e a sinceridade dos

Um bom dia começa com Kellogg's.

Crianças ativas, que gastam muita energia, precisam de proteínas e carboidratos. Uma boa fonte de energia é uma refeição matinal com Sucrilhos Kellogg's, vitaminados e tostadinhos. Fácil! Basta acrescentar leite e estão prontos para comer. Com suco de frutas, um copo de leite, pão e manteiga, esta refeição matinal dará aos seus filhos as proteínas e carboidratos que eles precisam para começar bem o dia e continuarem ativos. E como eles gostam de Sucrilhos Kellogg's!



fiéis infundiram-lhe um sentimento inesperado de respeito.

Depois disso, começou a ir sozinho à igreja de vez em quando, em geral a pequenas igrejas luteranas e metodistas. Não aceitava nem compreendia tudo o que os ministros pregavam. Mas acabou perguntando a si mesmo: "Que há de mau nisso se significa tanto para tanta gente?" Transformou-se conscientemente de ateu em agnóstico. E continuou a voltar à igreja numa vaga procura de paz espiritual.

Cobertura do Cais do Pôrto

EM JUNHO o Presidente Kennedy e Nikita Khrushchev encontraram-se em Viena. Khrushchev fez ali ameaças de guerra se os Estados Unidos não abrissem mão de Berlim Ocidental. Sério e sombrio depois do encontro, Kennedy voltou para Washington a fim de mobilizar as reservas e fortificar as defesas americanas. Khrushchev voltou para Moscou para iniciar a complexa operação clandestina que iria colocar o mundo mais perto do que nunca do holocausto nuclear. Enquanto êle assim procedia, novas instruções foram transmitidas de Moscou para os espiões soviéticos através dos E.U.A.

As ordens de Tuomi chegaram em escrita secreta. "A situação se torna mais complexa", começavam elas. "Deve agora ser mais ativo em seu trabalho. Com base em suas observações, comunique ao Centro quaisquer preparativos para maior mobilização do país. Nas suas folgas, passe

a freqüentar os pontos de reunião do pessoal militar, perto das docas, perto dos armazéns das bases do Exército. Apure a natureza e o destino das remessas de armas, movimentos de tropas e movimentos de navios militares. Fique mais alerta. A esposa e a família vão bem. Chefe."

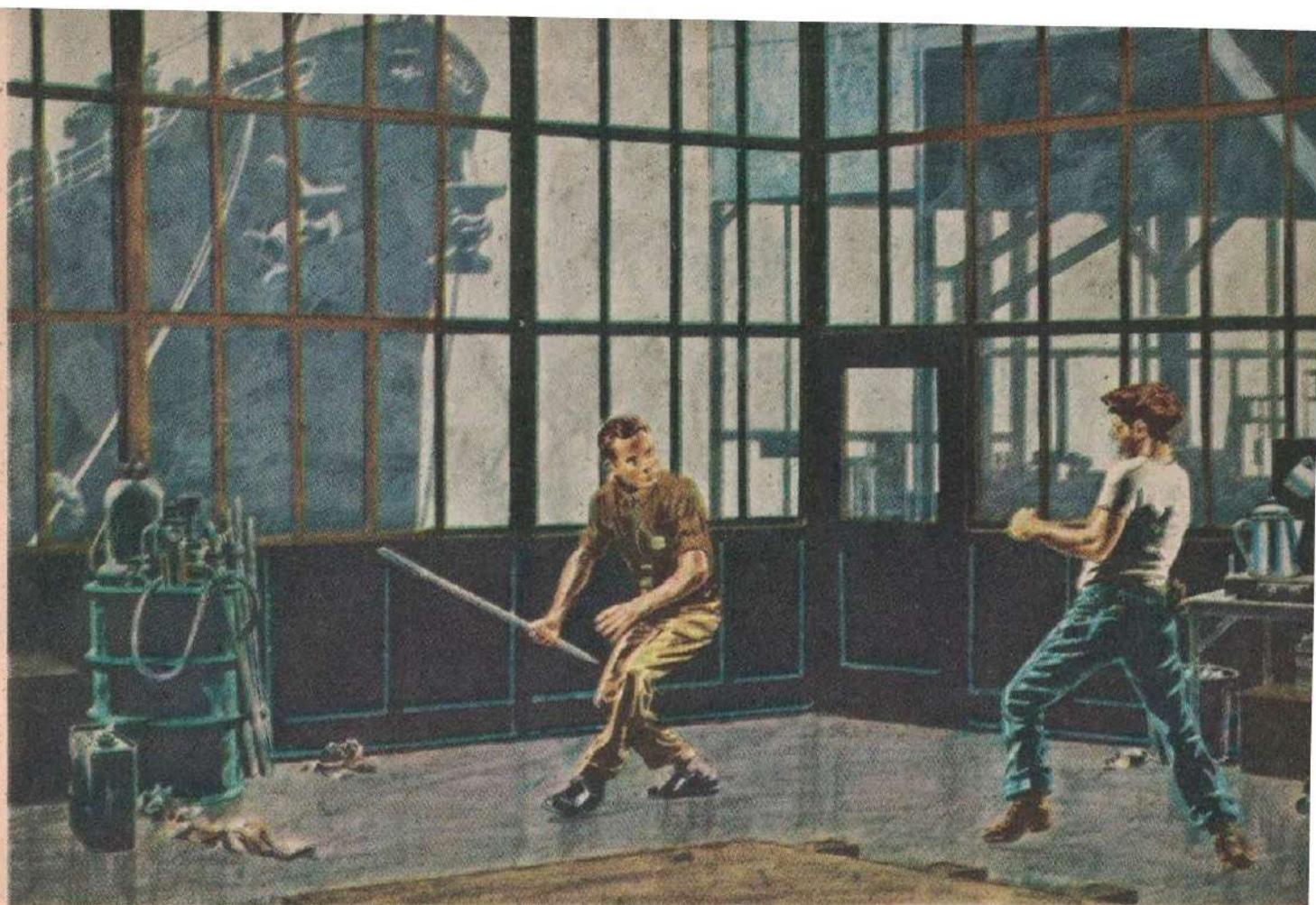
—Como posso trabalhar na Tiffany e rondar o pôrto?—perguntou Tuomi a seus amigos do FBI.

—Não poderá fazer isso—disse Steve.—O que é preciso é você encontrar algum emprêgo ali, e isso poderá dar um pouco de trabalho.

Numa tarde de domingo Jack e Steve deram aviso a Tuomi para ir encontrar-se com êles no apartamento seguro. Chegaram com um avantajado exemplar do *Times* de Nova York, que abriram na seção de anúncios de empregos.

—Aqui está uma coisa que parece escrita de encomenda para você—disse Jack com orgulho de autor, apontando um anúncio que oferecia um emprêgo de guarda-livros numa firma de navegação.

Depois de avaliar dezenas de empregadores em potencial, o FBI procurou Peter Burbank, presidente de A. L. Burbank & Co. e da Pier 8 Terminals Incorporated. Os agentes do FBI disseram-lhe apenas que, no interêsse da segurança nacional, precisavam de colocar um homem no cais do pôrto. Burbank concordou em empregar quem o FBI mandasse desde que a pessoa pudesse fazer realmente o trabalho que lhe fôsse exigido. Procedendo cordialmente



como se estivesse mesmo entrevistando um candidato, Burbank contratou Tuomi com o ordenado de 80 dólares por semana.

Para Tuomi a abrupta mudança da Tiffany para o cais do pôrto foi como dar um pulo da civilização para a selva. O cais era povoado de tipos turbulentos e desbocados e governado como um feudo pelos homens que dominavam os sindicatos. Além disso, o dever principal de Tuomi consistia em arrecadar as quotas de carga e descarga dos motoristas dos caminhões, muitos dos quais se distinguiam por sua belicosa recusa em pagar as suas contas. Mas, ex-lenhador e combatente de infantaria durante muito tempo, Tuomi estava preparado para ser duro.

No seu quarto dia no cais do pôrto, um valentão das docas entrou no escritório e serviu-se de uma

xícara de café. Quando já ia saindo, Tuomi, que se havia encarregado do bule de café, disse:

—Espere um pouco, môço. Todo mundo aqui lava a sua xícara.

—Sabe com quem está falando? —disse o homem desdenhosamente.

—Não me interessa quem você é —gritou Tuomi.—Minha regra é que todos têm de lavar a xícara em que tomam café.

O desordeiro atacou. Tuomi esquivou-se e apanhou uma barra de ferro. E continuou segurando a barra até que a xícara foi lavada.

O verdadeiro progresso de Tuomi verificou-se quando êle decretou que nenhum caminhão cujo proprietário devesse alguma quantia à companhia teria entrada no cais. Apesar das pragas dos motoristas, Tuomi fêz cumprir a regra tão inflexivelmente que prontamente recebeu o título

de "um verdadeiro canalha". Não obstante, o número de contas com saldo devedor caiu quase a zero e o salário de Tuomi foi aumentado para 100 dólares por semana. Com o tempo fez boas amizades entre os seus companheiros de trabalho, muitos dos quais considerava americanos decentes, embora um tanto rudes.

Segredos Para o Centro

FIRMADO em seu novo emprêgo, Tuomi mudou-se para um apartamento maior na zona nordeste do Estado de Nova Jersey. A pressão sobre o seu tempo subiu rapidamente quando as comunicações entre ele e Moscou aumentaram. Às vezes saía de carro na hora do almoço comendo um sanduíche para encontrar-se com Jack e Steve em parques, locais de estacionamento de igrejas e cafés afastados. Enquanto um dos agentes mantinha uma vigilância protetora, Tuomi e o outro começavam a cifrar e decifrar mensagens. O trabalho continuava à noite no apartamento do FBI.

O Centro impôs também novos e complicados sistemas de comunicações. Todos os sábados de manhã Tuomi tinha de passar a pé pela esquina da Rua 146 com Park Avenue para procurar uma casca de laranja. Esta significava que ele tinha de "descarregar" um depósito às 10 horas daquela noite. Depois, para acusar o recebimento do pacote ou mensagem, tinha de escrever uma declaração anti-soviética num cartão-postal e mandá-lo pelo correio

para o "Escritório de Relações Públicas, Missão da U.R.S.S. nas Nações Unidas", em Nova York. Para dar aviso ao Centro de que era preciso recolher alguma coisa que ia deixar num depósito, tinha de mandar pelo correio uma citação bíblica escrita num postal religioso.

A natureza das mensagens de Moscou se transformou também assinaladamente. Até então as instruções tinham sido cautelosas e gerais, sempre com advertências contra os riscos. Mas o Centro passou a exigir cada vez mais um árduo trabalho de coleta de informações e resultados específicos. Insistia também em que ele criasse fontes de informações.

Utilizando as técnicas que lhe haviam ensinado em Moscou, Tuomi entrou em ação e o FBI ficou impressionado com o que ele conseguiu inteiramente por si. Começou a frequentar um bar defronte dos estaleiros da Bethlehem Steel. Fazendo amizade com os operários dos estaleiros e instigando-os a falar sobre os seus serviços, soube que dois destróieres, o *USS Callan* e o *USS Taylor*, estavam sendo equipados com material eletrônico avançado e secreto. Embora não tivesse preparação científica, compilou minucioso estudo técnico, do qual ele mesmo não compreendia grande coisa.

O material que ele colheu era tão revelador que Jack disse:

—Isso tem de ser bastante modificado. Não podemos correr o risco de mandá-lo como você o escreveu.

Em reuniões sociais que começou

a freqüentar, Tuomi fêz amizade com vários americanos: um homem de radar da Marinha, um sargento do Exército que tinha concluído o curso da escola de serviço secreto militar e devia partir em breve para uma delicada missão no Oriente Médio, um engenheiro encarregado das vendas de todos os novos produtos desenvolvidos por um dos mais importantes empreiteiros da defesa do país, um jovem empregado numa instalação ultra-secreta da Agência Central de Informações (CIA) perto de Washington. Mas, ao contrário dos operários dos estaleiros, nenhum desses homens jamais deixou escapar qualquer informação importante.

Apesar disso, Moscou julgava as novas amizades de Tuomi uma realização considerável. O Centro sabia por experiência que, quando as relações se tornassem mais íntimas, êle poderia discernir uma tendência ou fraqueza oculta que tornaria um ou mais de seus amigos suscetíveis à subversão. Ainda que isso não acontecesse, os novos amigos talvez o levassem a companheiros que pudessem ser subornados.

Mas tudo isso eram perspectivas a longo prazo. A fim de atender às exigências de informações concretas e imediatas do Centro, o FBI resolveu recrutar uma fonte para Tuomi. Foi escolhido um funcionário incumbido do carregamento de material militar nos portos de Nova York e Filadélfia. Recebendo o nome de código de Frank, êle sabia apenas que estava cumprindo um serviço

crítico para o FBI. Escoltado por Jack, Tuomi passou dois dias com êle, gravando na memória detalhes de sua vida e seu trabalho, que em seguida comunicou a Moscou. As informações que daí por diante o FBI obteve de Frank e entregou a Tuomi para transmissão eram autênticas. O FBI não tinha outro remédio senão ceder alguns segredos esperando ganhar muito mais.

Conclave de Emergência

A 18 DE SETEMBRO de 1962, quando Tuomi chegou a casa do trabalho, examinou a sua correspondência. Havia os anúncios habituais, revistas de esportes e uma carta de um amigo que êle conhecera na Tiffany. Havia também um envelope excepcionalmente grande, com carimbo de Nova York, mas sem o enderêço do remetente. Dentro havia duas séries de modelos comerciais de uma mesa de lanches desmontável, acompanhada de bandeja. O canto inferior esquerdo estava dobrado, sinal de que o lado avêso de cada fôlha continha escrita secreta.

Steve deu um assobio de espanto quando a mensagem foi decifrada no apartamento do FBI. Era uma ordem que, em seus complexos detalhes bizantinos, caracterizava o serviço secreto soviético. Mas o conteúdo era inteiramente inesperado.

“Anunciamos as condições de uma reunião. Tempo: domingo, 23 de setembro, nove horas da manhã. Local: margem do Rio Hudson do outro lado da estação da estrada de ferro de

Greystone. Com caniços de pesca, um balde de plástico côr-de-rosa e uma licença de pesca, vá de carro até à parte norte da cidade de Yonkers. Siga pela Avenida Warburton até à estação de Greystone e deixe seu carro no estacionamento. Atravesse a ponte sôbre o rio e caminhe pela margem até ao poste marcado com o número 429. Deverá pescar perto dêsse poste. Senha: 'Desculpe, mas creio que nos conhecemos no Iate Clube de Yonkers no ano passado.' Deve responder: 'Não, senhor. Deixei êsse clube em 1960.' Lenda do contato: conheceu o nosso representante quando pescava. Comunique se está pronto para o encontro mandando um postal religioso para a nossa missão nas Nações Unidas. Assine o cartão R. Sands. Se não compreender as condições do encontro, assine o cartão D. C. Kott. Chefe."

Era extraordinária a decisão do Centro de arriscar um encontro pessoal com Tuomi nos Estados Unidos. Tinham-lhe dito repetidamente em Moscou que os encontros de agentes eram uma das mais perigosas atividades clandestinas. Lembrou-se das palavras de Aleksei Ivanovich Galkin, seu principal professor do KGB: "Nunca será procurado pessoalmente por um de nossos representantes a não ser numa emergência extrema." Relendo a mensagem, Tuomi ficou pensando que talvez se tratasse mesmo de uma convocação para o rapto ou a liquidação de alguém.

—Que é que acham?—perguntou Tuomi.

—Bem—respondeu Jack—há evidentemente a possibilidade de que tenham passado a desconfiar de você. Mas, pensando bem, creio que acham que podem arriscar-se, agora que você está firmemente estabelecido na sua posição. De qualquer maneira, têm alguma coisa importante para comunicar-lhe. E nós temos de trabalhar muito até domingo.

O dia estava nublado e frio quando o despertador interrompeu às seis horas da manhã de domingo o sono agitado de Tuomi. O bôlo que sentia no estômago fê-lo repelir qualquer idéia de comida. Vestiu um paletó esporte xadrez, calças escuras de lã, sapatos pesados e um boné de caçador. Seguindo para o norte de carro pelo Garden State Parkway de Nova Jersey, entrou na Estrada 46 para encher o tanque e verificar se estava sendo vigiado. Parou de nôvo num restaurante à beira da estrada para tomar café e certificou-se de que não era seguido.

Quando deixou o carro na estação de Greystone notou que um homem passava uma flanela num carro num canto do local de estacionamento. Tuomi teve certeza de que era um agente soviético incumbido de prestar atenção a qualquer vigilância do FBI. Quando atravessou a linha da New York Central pela ponte para pedestres que leva ao rio viu quatro homens em dois botes que se balançavam mansamente na correnteza do meio do rio. Aó longe, para os lados do norte, dois homens pescavam numas pedras acima do rio.

Tuomi teve certeza também de quem eram êles—agentes do FBI a postos para protegê-lo.

Com os joelhos pesados e a marcha mais difícil a cada passo, êle se forçou a caminhar até ao poste telefônico que lhe tinha sido designado. Viu então quem estava lá e não pôde conter uma exclamação de espanto. Não havia necessidade de sinais de reconhecimento. Quem o esperava era um homem baixo, um tanto feio, com nariz largo, óculos de aros de aço e uma massa de espessos cabelos prêtos. Era seu velho professor Aleksei Galkin.

Galkin apertou cordialmente a mão de Tuomi e depois abraçou-o. Entretanto, o calor dessa acolhida não tranqüilizou Tuomi. Se Galkin estava servindo de isca para uma armadilha tinha de proceder assim.

—Vejo que teve uma surpêsa—disse Galkin.

—De fato, nunca esperei vê-lo aqui—respondeu Tuomi.

—Você veio pescar—disse Galkin. —Jogue sua linha na água, depois conte-me tudo a seu respeito.

Tuomi obedeceu. O seu julgamento estava começando e Galkin era o juiz. Durante 40 minutos falou sôbre sua vida nos Estados Unidos, dizendo a verdade sôbre tudo, menos sôbre a sua ligação com o FBI. Galkin tomava notas, fazia sinais de assentimento de vez em quando e fêz algumas perguntas até que Tuomi começou a falar sôbre as fontes que tinha em perspectiva.

—São tôdas interessantes—obser-

vou Galkin.—Mas no momento Frank é a mais importante. Quais são as suas relações com êle?

—Muito boas.

—Acha que êle pode ser recrutado?

—Talvez. É divorciado e precisa de dinheiro.

—Vamos pensar nisso—disse Galkin.—Nesse meio tempo não se afaste dêle. Tudo o que puder arrancar-lhe a respeito de movimentos de tropas e embarques de armas é terrivelmente importante.

Galkin fêz uma pausa. Recomeçou então a falar.

—Quero agora exprimir-me com muita exatidão. Se não compreender alguma coisa, diga-me. Em primeiro lugar, vamos levá-lo para casa no ano que vem. Acha que poderá conseguir dois ou três meses de férias para afastar-se?

—Mas “férias” por quê? Não vou ficar na União Soviética?

Galkin riu:

—Não, meu amigo. Vai voltar para cá por muito tempo.

Essa declaração foi para Tuomi a primeira prova de que êle ainda estava em boa posição aos olhos do Centro. A sua tensão começou a desvanecer-se e êle se esforçou por dissimular o alívio que sentia.

—Você começou muito bem—continuou Galkin.—Vamos entregar-lhe três fontes das melhores que temos para você manobrar. São americanos e fornecem muitos documentos vitais. Queremos que você comece a procurar dois depósitos muito



Tuomi (à esquerda) no encontro à beira do rio com o seu mentor de Moscou, Galkin—registrado pelo FBI com lente telescópica

bons fora da cidade de Nova York, de tamanho suficiente para comportarem grandes maços de documentos. Depois que o Centro aprovar, as outras providências serão gradativamente elaboradas.

Galkin respirou fundo.

—Agora preste a maior atenção às minhas palavras. Você deve ir também como se fôsse um turista à base de submarinos de New London, Connecticut, tantas vezes quanto lhe fôr possível sem prejudicar a segurança. Conte os submarinos presentes, particularmente os atômicos. Esteja também atento a qualquer atividade fora do comum nas vizinhanças da base. A presença de guardas extras ou de muitos caminhões grandes seria especialmente importante. Se não encontrar submarinos, avise-nos imediatamente. Na área do pôrto de Nova York

veja se há indícios de que os velhos cais da Segunda Guerra Mundial vão ser postos em uso de nôvo. Todas as manhãs apure se durante a noite houve qualquer movimento anormal de tropas ou de grandes caminhões em tórno do pôrto.

Já então Galkin tinha sucumbido ao seu hábito inconsciente de falar rapidamente sempre que se exaltava com a importância do que dizia.

—Por intermédio de Frank e de outros amigos verifique constantemente se estão sendo convocados reservistas secretamente. Fique atento a quaisquer rumôres de que a população ou as principais repartições vão ser evacuadas das cidades. Nas próximas semanas deve comunicar *qualquer coisa* que pareça fora do comum. Pode ser trivial para você, mas talvez seja da maior importância para nós. Compreendeu as instruções?

—Compreendi—respondeu Tuomi.

—Repita-as então para mim—disse Galkin.

Tuomi obedeceu sem uma falha.

—Muito bem—disse Galkin, que começou a puxar a sua linha.—Sua família está bem. É com satisfação que lhe digo que quando voltar encontrará os seus num apartamento nôvo de duas peças.

A menção de sua família lembrou a Tuomi que o Centro havia quase um ano não lhe encaminhava as cartas dela.

—Vou ver isso—disse Galkin.—Agora é melhor você ir. Felicidades.

Tuomi saiu de carro da estação de Greystone às 11h 46 min. Para ter certeza de que os russos não o seguiam, rodou de um lado para outro pelas montanhas dos arredores de Yonkers durante quase uma hora antes de parar numa cabina telefônica perto de uma lanchonete.

—Como correu tudo?—perguntou Jack.

—Não houve problemas—respondeu Tuomi.—Mas tenho muita coisa para lhe contar.

Vivas Para os Estados Unidos

Pouco depois de uma hora da tarde Tuomi reuniu-se a Jack e Steve no apartamento do FBI em Jackson Heights.

—Conte-nos o que aconteceu—disse Jack.—Deixaremos as perguntas para depois.

Os agentes escutaram em silêncio com impassibilidade profissional. Só

mostraram no rosto sinais de interesse duas vês: quando Tuomi disse que três espiões lhe seriam confiados e quando êle se referiu às novas atribuições que Galkin lhe conferira. Mas logo que o sumário terminou, Jack fêz um telefonema breve e enigmático.

—Temos aqui alguma coisa que você deve ver sem demora—disse êle ao telefone.—Sim, ficará pronto esta noite.

Os agentes e Tuomi começaram a redigir um relatório urgente de tudo o que Galkin havia dito. Trabalharam durante tôda a tarde de domingo e entraram pela noite, deixando de jantar na pressa em que estavam de preparar o relatório para ser remetido para Washington. Já passava muito da meia-noite quando Tuomi se dirigiu para casa, faminto e cansado, mas animado. Tinha aparentemente sobrevivido como agente duplo sem despertar as suspeitas do Centro. Dentro em pouco poderia ver e abraçar os filhos de nôvo.

Os seus pensamentos naquele momento eram de natureza inteiramente pessoal. Não compreendia que o encontro às margens do Hudson e suas novas missões poderiam ter relação com uma crise histórica. Menos ainda avaliava quanto havia contribuído para reforçar a capacidade americana de enfrentar essa crise.

Entre abril de 1959 e setembro de 1962 Tuomi trocou dezenas de comunicações com Moscou. Algumas eram transmitidas em escrita invisível pelo correio. Mas muitas eram

expedidas por meio dos quatro depósitos escolhidos para êle em Nova York. Observando os depósitos, o FBI pôde identificar os vários agentes soviéticos que apareceram para deixar ou recolher mensagens. Êsses agentes foram cuidadosamente seguidos e acabaram levando o FBI a outros depósitos e outros espões. Pouco a pouco foi descoberto todo um plano de operações de espionagem soviética nos Estados Unidos.

Algumas das conseqüências do que o FBI descobriu perduram assim até ao presente. Por êsse motivo ninguém provavelmente divulgará em tôdas as suas proporções o que se obteve. Entretanto, é claro que, analisando as ordens que Moscou estava transmitindo aos seus agentes, o FBI adquiriu preciosas indicações sôbre o pensamento do Kremlin. Desde agosto de 1961, o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, informou à Casa Branca que os russos estavam começando a procurar qualquer sinal de que os Estados Unidos estavam a ponto de mobilizar-se para a guerra. A partir de 1962 as instruções aos espões soviéticos para que pesquisassem essas indicações aumentaram constantemente em freqüência e urgência.

No início do outono essas ordens suscitaram perguntas perturbadoras no espírito dos analistas das informações secretas em Washington. Os Estados Unidos nada faziam nem tencionavam fazer que justificasse a crença soviética de que a mobilização estava iminente. Por que então

tinham os russos êsse receio? A opinião final e alarmante de alguns especialistas americanos era de que a União Soviética devia estar empenhada em alguma ação que, se fôsse conhecida, poderia levar os Estados Unidos a se prepararem para a guerra.

A pergunta seguinte era esta: onde era mais provável que essa ação se estivesse exercendo? De tôdas as informações secretas disponíveis emergia uma resposta: Cuba.

Assim, o conhecimento do que estava acontecendo dentro das rêsdes soviéticas de espionagem contribuiu para a decisão dos Estados Unidos de reiniciarem os vôos de reconhecimento dos U-2 sôbre Cuba. E o primeiro dêsses vôos renovados sôbre a área crítica de San Cristóbal em Cuba, a 14 de outubro de 1962, forneceu prova do que os russos estavam fazendo: assentando foguetes com cápsulas nucleares apontados para o coração dos Estados Unidos.

É claro que Tuomi nada soube sôbre a crise dos foguetes de Cuba até ao momento em que o Presidente Kennedy a anunciou num discurso de emergência. Mas, ouvindo o Presidente, sentiu as emoções da maioria dos americanos. Ficou ao mesmo tempo aterrado com as perspectivas de guerra nuclear e revoltado com a traição soviética. Com uma sensação de choque, percebeu que apoiava completamente os Estados Unidos.

No domingo depois que a crise terminou com um compromisso soviético de retirar os foguetes, Tuomi

foi a um jôgo de futebol americano entre os Giants de Nova York e os Redskins de Washington. A multidão que enchia o estádio cantou o hino americano com raro fervor e orgulho e, ao fim do mesmo, a assistência prorrompeu em vivas patrióticos. Tuomi gritava mais do que ninguém.

“Já Estou Pronto”

NAQUELA noite, sozinho no seu apartamento, Tuomi abandonou algumas dúvidas a respeito dos seus sentimentos íntimos. Reconheceu finalmente que se havia tornado inteiramente americano. A sua fé no comunismo e o seu devotamento à União Soviética tinham-se gradativamente desvanecido desde que tomara o avião no aeroporto de Vnukovo, nos arredores de Moscou, em dezembro de 1958. Não podia definir por si mesmo as etapas de sua evolução ideológica, nem compreendia inteiramente o processo. A princípio, quando se via nos Estados Unidos diante de alguma coisa superior ao que havia conhecido na Rússia, caía em racionalizações comuno-doutrinárias que sabia de cor. Quando encontrava fatos que resistiam à explicação, bania-os do espírito. Mas as realidades de todos os dias que experimentava nos Estados Unidos tiveram um efeito cumulativo.

Além disso, à medida que se aproximava mais dos agentes do FBI, via cada vez mais as condições de uma perspectiva única: a de um

observador capaz de contemplar a União Soviética através do KGB e os Estados Unidos através do FBI. Começou particularmente a comparar as duas sociedades que tinham produzido o KGB e o FBI.

Contrastava a absurda facilidade da espionagem nos Estados Unidos com a quase impossibilidade de espionagem na União Soviética. Nos Estados Unidos nem a polícia nem o FBI podiam controlar onde um homem vivia, trabalhava ou viajava. Na União Soviética ninguém podia viver, trabalhar ou viajar fôsse onde fôsse sem a sanção do KGB.

Logo que chegara aos Estados Unidos, Tuomi havia observado com exasperação as manobras judiciárias graças às quais Caryl Chessman, o estuprador condenado, adia a sua execução na câmara de gás. Mas o seu desprezo acabou por transformar-se em quase reverente respeito. Chegou à conclusão de que o sistema judiciário americano existia realmente tanto para proteger o inocente quanto para punir o culpado. Lembrava-se do único julgamento a que assistira na União Soviética: um oficial do KGB que matara um professor foi absolvido e um motorista de caminhão inocente foi declarado culpado do crime. A lembrança despertou nêle um ressentimento latente que nunca havia reconhecido até então.

Durante toda a sua vida na União Soviética, Tuomi havia aceitado as promessas comunistas de um amanhã livre e decente. Acreditara que as

prisões sumárias, os expurgos e os massacres engendrados pelo KGB eram meios desagradáveis mas essenciais para um nobre fim. Mas as realidades indiscutíveis dos Estados Unidos contemporâneos tinham destruído essas fantasias. Nos Estados Unidos, direitos, liberdades e oportunidades inimagináveis na União Soviética já existiam de fato. Para a maioria dos americanos a libertação do medo e da miséria era uma realidade e não uma abstração teórica. No clamor franco e na turbulência da sociedade americana, Tuomi não via as "sementes da autodestruição" que o marxismo lhe atribuía. Via antes os meios de salvação pela mudança democrática.

Não sentia de modo algum a paixão de um súbito converso, nem o dogmatismo de um crente cuja fé resulta da herança. Suas convicções eram ainda mais fortes porque se forjaram lenta e gradativamente graças ao seu próprio raciocínio. Quando pegou o fone para falar com Jack sentia um sereno orgulho.

—Lembra-se de que eu lhe disse há muito tempo, quando nos reunimos no pavilhão, que havia uma porção de coisas que eu não iria contar? —perguntou Tuomi.—Muito bem, agora estou pronto para contar tudo.

—Você já está pronto há muito tempo, Kaarlo—respondeu Jack.—Mas nós pensamos que era melhor esperar até que você compreendesse isso por si mesmo. Iremos encontrar-nos com você no apartamento amanhã às sete horas da noite.

“Cancele Tôdas as Providências”

EM JANEIRO, Tuomi começou a preparar-se para a “viagem de férias” a Moscou, de acôrdo com as instruções de Galkin. O Centro mandou-lhe um passaporte americano e uma certidão de idade falsificados, juntamente com ordens para apresentar um plano que lhe permitisse partir em maio ou junho. A remessa de Moscou trazia também instruções para descobrir se havia ou não bases de mísseis em Swanton, Vermont, e perto de Elizabethtown, Nova York.

O FBI intercedeu com Burbank, e Tuomi avisou o Centro de que tinha conseguido uma licença de junho a setembro, inclusive. Comunicou que havia explicado ao seu patrão que desejava passar alguns meses na Finlândia para procurar parentes de seus pais desaparecidos.

A missão a Vermont e ao interior do Estado de Nova York em fins de abril foi fácil e agradável. Ambas as bases estavam onde os russos pensavam.* Foi tão fácil para Tuomi apontá-las no mapa que êle, Jack e Steve tiveram tempo de sobra para agir de acôrdo com os seus disfarces de pescadores. Na primeira noite, fringiram trutas recém-pescadas numa fogueira à beira de um rio cristalino em Vermont. Na noite seguinte, fartaram-se de salsichas e panquecas no Festival do Açúcar de Bôrdo, realizado todos os anos em Elizabethtown, Nova York. Tuomi voltou

* Ambas foram depois fechadas.

Transforme Dias Comuns em Dias MB

usando a imensa variedade de produtos da linha MB.

Lembre-se: MB não fabrica apenas bijuterias para senhoras e cavalheiros.

MB produz também finas utilidades para adorno do seu lar, seu bar ou seu escritório.



Elegância e
qualidade
nacional de
categoria
internacional

**MB INDÚSTRIA
METALÚRGICA S.A.**

Fábrica: Rua Major Sertório, 551/573 - S.P.
Tels.: 256-1224, 256-7324 e 257-0404
C. P. 30.079 - End. Telegr.: Combraveco
Av. Rio Branco, 106/108, Sala 511
Rio de Janeiro, GB

para casa descansado e calmo. Mas, quando chegou, encontrou uma espantosa mensagem do Centro.

“Com o seu ato imprudente e desautorizado”, começava a mensagem, “você pôs em perigo a sua segurança e a segurança de sua missão. Recebeu instruções apenas para apresentar um plano, não para tomar qualquer providência. Sua viagem terá agora de ser adiada. Cancele tôdas as providências. Desligue-se de todos os amigos para que não haja necessidade depois de explicar sua ausência a quem quer que seja. Comunique imediatamente que compreendeu e está pronto a obedecer. Chefe.”

Tuomi achou a reação de Moscou irracional e, com efeito, inacreditável. Seria quase impossível apresentar um plano para sair do país sem primeiro haver obtido licença de seu patrão. E a interrupção abrupta de relações cuidadosamente cultivadas com seus amigos seria muito mais suspeita do que qualquer coisa que êle já havia feito. Naquela noite cifrou um protesto minucioso e bem argumentado, pedindo ao Centro que reconsiderasse a decisão.

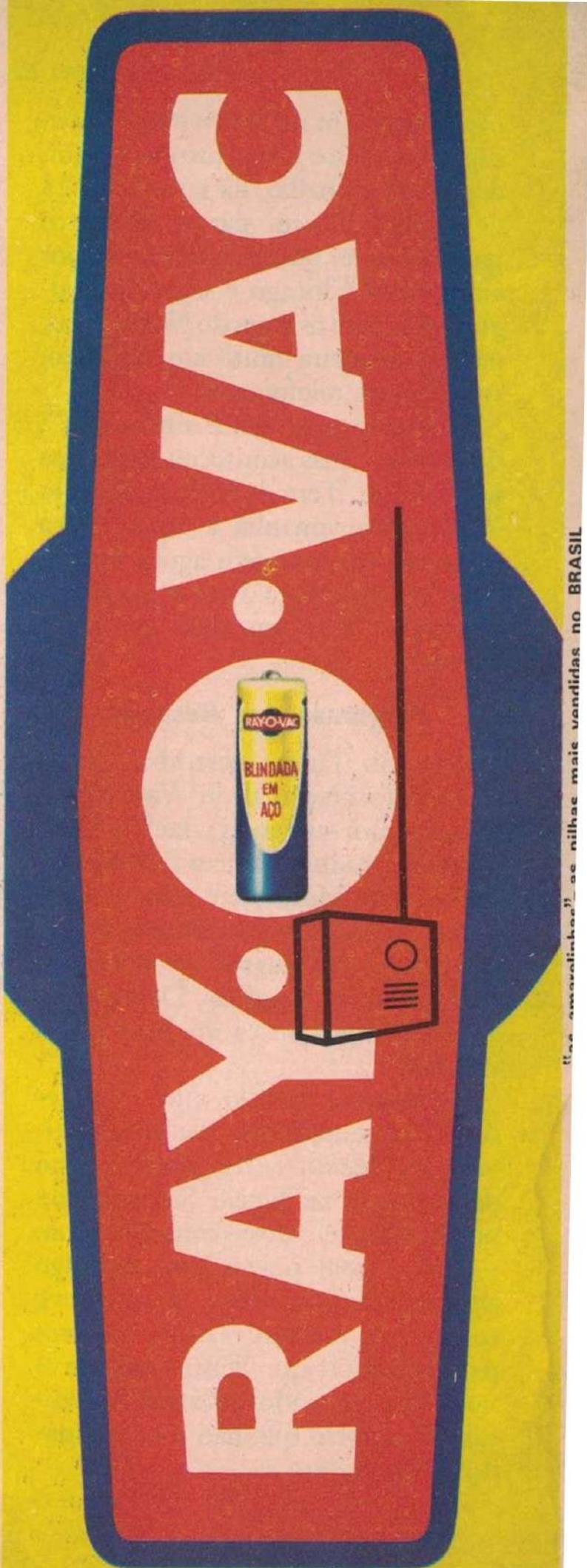
A resposta de Moscou foi sucinta: “Corte imediatamente todos os laços com todos os amigos e espere novas instruções. Chefe.” Tuomi ficou ainda mais alarmado quando o Centro deixou de dar o sinal de haver recebido o relatório e os mapas dos locais dos mísseis. Voltando ao depósito que tinha visitado duas noites antes, descobriu que tudo ainda estava lá no recipiente magnético.

—Que teria havido?—perguntou Tuomi a Jack e Steve.

—Muita coisa, evidentemente— respondeu Jack.—Não há nada a fazer senão esperar para ver o que acontece.

Tuomi não podia saber que o serviço secreto soviético em grande parte do mundo estava sofrendo convulsões traumáticas produzidas pelas descobertas de que o Coronel Oleg Penkovsky era um espião ocidental. Graças à sua carreira e ao seu casamento, Penkovsky estava em tal posição na sociedade soviética que tinha tido acesso a segredos que valiam quase qualquer preço para o Ocidente. As informações por êle prestadas tinham demonstrado aos Estados Unidos ao tempo da crise cubana que gozavam de decisiva superioridade militar sôbre a União Soviética—e que os russos sabiam disso. Além disso, estava a par de uma parte vital do pessoal e das operações de espionagem soviética. Naquela ocasião os russos não podiam saber quem e o que tinha comprometido. O General Ivan Serov, chefe do serviço secreto militar, e alguns dos seus principais auxiliares foram demitidos. Operações foram interrompidas em meio. Agentes foram transferidos ou chamados em massa, para sua proteção ou porque eram suspeitos. O resultado foi uma confusão que tocava as raias do caos.

Em 8 de junho o Centro acusou o recebimento dos dados sôbre os locais dos mísseis que Tuomi havia remetido por outro depósito. Mas



não transmitiu nova orientação nem sugestões sobre o seu futuro. Assim, depois do trabalho, na sexta-feira 28 de junho, Tuomi partiu de carro para o Oeste, planejando ver alguns amigos em Chicago e seguir por alguns dias para os lagos do Norte. Mas, na sua primeira noite em Chicago, recebeu um telefonema.

“Desculpe estragar o seu passeio”, disse Jack, “mas aconteceu uma coisa importante. Tem de ir de avião para Washington amanhã à tarde. Faça a reserva da passagem agora mesmo e me telefone para dizer o que ficou resolvido. Irei esperá-lo no aeroporto.”

Perguntas sem Resposta

QUANDO Tuomi desembarcou no Aeroporto Nacional de Washington encontrou à sua espera Jack e Don, o agente graduado que o fizera parar na rua em Milwaukee quatro anos antes. Seguiram imediatamente de carro para um quarto de motel em Arlington, na Virgínia. Dois outros agentes importantes do FBI já ali estavam.

—Imagino, Kaarlo, que às vezes deve ter pensado no que faria se tivesse de decidir entre passar o resto da sua vida na União Soviética ou nos Estados Unidos—começou Don. —Não é com prazer que lhe digo isto, mas chegou a hora em que deve tomar essa decisão. Temos motivos para acreditar que dentro em breve você será chamado à Rússia. Acreditamos também que não será mandado de novo para cá.

—Estou autorizado a assegurar-lhe que terá inteira liberdade de ir. O FBI fará tudo o que fôr possível para que a sua volta pareça normal. Faremos tudo para ajudá-lo.

—Por outro lado, Kaarlo, digo isso autorizado também pelo govêrno, você será bem aceito nos Estados Unidos. Se resolver ficar, não poderemos prometer-lhe o paraíso. Terá de manter-se por sua conta e ganhar a sua vida. Mas faremos tudo o que pudermos para dar-lhe segurança e ajudá-lo a estabelecer-se.

—Se eu ficar, haverá algum meio de fazer sair minha família?

Don abanou a cabeça:

—Não, não é possível.

—Se eu voltar, terei de continuar trabalhando para o serviço secreto americano?

—Absolutamente não. Damos-lhe nossa palavra quanto a isso—respondeu Don.—No que nos diz respeito, você será tão livre quanto pode ser livre qualquer pessoa na União Soviética. E ninguém jamais saberá nada sobre o que aconteceu aqui.

Tuomi havia presumido—como Galkin lhe dissera—que, depois de um chamado temporário, seria mandado de novo para os Estados Unidos. Calculou que poderia sobreviver ao interrogatório pessoal na União Soviética durante dois ou três meses, estar uma vez mais com os filhos e saber por que havia dois anos não recebia uma só palavra da mulher. Nutria também a esperança, por menos realista que fôsse, de que em Moscou poderia por acaso encontrar

meios de acabar levando sua família para o Ocidente. Mas agora . . .

Não tinha ilusões a respeito da cruel decisão que de repente se lhe deparava. Ficar nos Estados Unidos significava nunca mais ver a mulher e os filhos. Ir significava nunca mais ver os Estados Unidos e passar o resto da vida numa sociedade que repudiava espiritualmente e tinha chegado a abominar.

Que aconteceria à sua família se ele se recusasse a voltar? Seria prêsela pelo KGB? Ou os russos reconheceriam a futilidade de punir uma esposa e filhos que não eram de modo algum responsáveis pelos atos dele e não representavam qualquer ameaça para o Estado?

Que aconteceria à família se, algum tempo depois de sua volta, o KGB soubesse que ele havia traído a União Soviética? Poderia resistir aos inúmeros interrogatórios sem revelar a sua duplicidade? Poderia viver na União Soviética, suprimindo as convicções que o haviam transformado em americano? Chegou à conclusão de que não lhe era possível.

—Talvez Kaarlo gostasse de ficar durante algum tempo sozinho, Don—ouviu Jack dizer.

—Não—respondeu Tuomi.—Tenho de decidir agora. Eu fico.

Os agentes do FBI se levantaram e se juntaram em torno dele para apertar-lhe a mão.

DEPOIS daquele dia de decisão, Tuomi desapareceu nos Estados Unidos. Nos anos decorridos desde então, construiu para si mesmo uma vida normal. Embora nunca tenha ganho dinheiro, tem à sua disposição uma casa confortável e a maioria das conveniências materiais que os Estados Unidos oferecem. Mas o seu contentamento resulta principalmente de um sentimento de liberdade material e espiritual. Possui 15 hectares de terras de mata onde gosta de caçar e andar horas e horas à sua vontade. Tendo abatido inúmeras árvores na sua mocidade, encontra agora satisfação em plantar e cuidar de árvores.

É na sua comunidade a encarnação da respeitabilidade. O mesmo sorriso e as mesmas maneiras cativantes que lhe deram um ponto de apoio em Moscou, na Tiffany e no cais do pôrto de Nova York ajudaram-no a encher a sua nova vida de bons amigos. Mas nem os mais íntimos de Kaarlo Tuomi sabem a história de seu passado.

Apesar das excelentes qualidades de Tuomi como espão, ainda há mistérios nesta história que ele conheceu e viveu. Como soube o FBI que ele ia chegar? Como soube quem ele era? Tuomi nunca pôde apurar estes pontos. São segredos trancados talvez para sempre na memória de alguns homens do FBI.

(Tradução de Pinheiro de Lemos)

